

A PRODUÇÃO HAGIOGRÁFICA SOBRE ANTÔNIO DE LISBOA/PÁDUA NO SÉCULO XIII

THE HAGIOGRAPHIC PRODUCTION ABOUT ANTONY OF THE LISBOA / PADOVA IN THE THIRTEENTH CENTURY

Victor Mariano Camacho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Antônio de Lisboa/Pádua é um dos santos mais populares do catolicismo. O cônego regente que se tornou frade franciscano morreu em 1231 sendo canonizado pelo papa Gregório IX no ano seguinte. Após o reconhecimento de sua santidade, há uma expressiva produção de hagiografias ao longo do século XIII no âmbito da Ordem dos Frades Menores dedicadas a narrar sua vida e milagres. Este trabalho tem como objetivo discorrer acerca destas lendas. Ao longo da exposição, tratarei do contexto de produção, transmissão destes textos, edições, os trabalhos já publicados e possibilidades de análise a partir deste material.

Palavras-chaves: Franciscanismo; Hagiografia; Santidade

Abstract: Antony of the Lisboa / Padova is one of the most popular saints of Catholicism. The canon regent who became a Franciscan friar died in 1231 and was canonized by Pope Gregory IX the following year. After the recognition of his sanctity, there is an expressive production of hagiographies throughout the thirteenth century under the Order of Friars Minor dedicated to narrate his life and miracles. This work aims to discuss these legends. Throughout the exhibition, I will deal with the context of production, transmission of these texts, editions, works already published and possibilities of analysis from this material.

Keywords: Franciscanism; Hagiography; Holiness

Introdução

Fernando Martins de Bulhões nasceu entre os anos de 1190 a 1193 em Lisboa no Reino de Portugal. O jovem era de uma família de posses da região, que provavelmente moravam próximo à catedral, onde, ainda recém-nascido, teria sido batizado com este nome.¹ Tendo estudado Artes Liberais² na escola em anexo a Sé

¹ SOUZA, José Antônio C. R. de. *O pensamento social de Santo Antonio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.p. 94.

² Francisco da Gama Caeiro informa que o lisboeta, provavelmente em sua adolescência, teria frequentado a escola episcopal por pelo menos seis anos. O letramento se dava, sobretudo, na recitação do saltério, sendo este o primeiro livro a ser lido pelos estudantes. O idioma ensinado era, principalmente, o latim, uma vez que os livros utilizados eram redigidos nesta língua e os primeiros textos a serem lidos pelos jovens eram os da Sagrada Escritura. Nestas escolas o ensino funcionava

de Lisboa, por volta de 1210, ele ingressou na ordem dos Cônegos Regrantes no Mosteiro de São Vicente na mesma cidade.

Após a profissão dos votos, Fernando deu continuidade aos estudos de Teologia e juntamente com eles o cultivo da chamada *lectio divina*, que consistia na leitura assídua e de textos bíblicos. Porém, permaneceu por apenas dois anos nesta comunidade, solicitando ao prior a sua transferência para o mosteiro agostiniano de Santa Cruz, situado na cidade de Coimbra. Por volta do ano de 1215, teria sido ordenado presbítero.³

O seu ingresso na Ordem dos Frades Menores foi influenciado pela chegada destes religiosos em terras lusitanas. Segundo Saul Antônio Gomes, a fundação das primeiras fraternidades franciscanas em Portugal ocorre no momento em que cinco minoritas são martirizados pelos mouros no Marrocos. A chegada dos franciscanos em Coimbra se deu a partir da doação de um antigo hospital de acolhimento de peregrinos dedicado a Santo Antão em Olivais, pela rainha Urraca.⁴ Segundo a tradição, após o martírio de cinco frades no Marrocos, o lisboeta teria solicitado ao prior do mosteiro a dispensa para ingressar na ordem de Francisco de Assis. Recebendo o aval de seu superior, Fernando fez o noviciado no convento de Santo Antão em Coimbra, onde vestiu enfim o hábito franciscano, mudando seu nome para Antônio.⁵

Quanto à vida de Antônio como religioso franciscano, logo após o noviciado o lisboeta teria tentado se lançar ao trabalho missionário entre os mouros, porém a sua busca foi frustrada diante de uma doença no percurso da viagem ao Oriente. Ao

como uma espécie de instrução preliminar para o exercício de funções eclesiásticas e a conclusão dos estudos em tais instituições se dava por volta dos quinze a dezesseis anos de idade. A formação dividia-se em duas etapas. A primeira que durava aproximadamente dois anos era chamada de *trivium* ou também artes relacionadas às palavras e se concentrava no ensino da gramática, retórica e dialética. Já na segunda, o chamado *quadrivium*, dava-se ênfase ao estudo da aritmética, geometria, astronomia e também música, sobretudo litúrgica. As sete disciplinas formavam assim as chamadas Artes Liberais. Eram ciências que não estavam subordinadas a Revelação ou diretamente a Teologia, embora, em tais escolas o ensino religioso tivesse um papel fundamental na formação dos estudantes. (CAEIRO, Francisco da Gama. *Santo António de Lisboa*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional. 1995. 2 v, v.1. p. 3-15)

³ *Idem*, p. 25.

⁴ Cf. GOMES, Saul Antônio. *Ordens mendicantes na Coimbra Medieval: notas e documentos*. Lusitania Sacra. Lisboa, s.2, n.10. p.149-214, 1998.

⁵ HARDICK, Lothar. *Santo Antônio: vida e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 24

tentar retornar para a Península Ibérica, sua embarcação rumou para a Península Itálica, chegando à região da Sicília. Após este episódio Antônio teria participado do capítulo geral de 1221, no qual é transferido para um eremitério em Romagna, no Norte da Itália.

Foi nesta região que, segundo a tradição, teve início a sua ação pastoral: primeiramente em uma ordenação em Rimini, onde pregou pela primeira vez aos seus confrades, a partir de então o lisboeta foi enviado a missões de pregação no Norte da Itália e Sul da França. Ele também teria lecionado Teologia em Bolonha a pedido do próprio Francisco, além de desempenhar funções de governo na região da Lombardia, no Norte da Itália, como ministro provincial. Antônio também teria desempenhado a função de custódio em Limognes na França.⁶

O lisboeta encerrou seus dias em junho de 1231, na cidade de Pádua, e foi canonizado em um processo consideravelmente curto, pois a cerimônia que oficializou sua santidade se deu em outubro de 1232, em Espoleto, sob a presidência do então papa Gregório IX. Para se propagar e afirmar um santo, era de praxe que tanto a Igreja Romana quanto a Ordem da qual o mesmo se vinculava use de vários meios como o culto litúrgico, a construção de santuários e também da produção de legendas.⁷ A partir da canonização de Antônio tem início a escrita de hagiografias dedicadas a narrar a vida e os milagres do santo.

Segundo, Angeles García del Borbolla, um texto hagiográfico é produzido por diversas razões: celebrar a memória de um santo; perpetuar modelos de vivência cristã; afirmar a legitimidade de uma instituição eclesiástica; transmitir paradigmas

⁶ *Idem*, p. 65. O frade também teve papel preponderante nas mudanças ocorridas na Ordem na primeira metade do século XIII, pois fez parte da comissão que se dirigiu ao Papa Gregório IX após o capítulo de 1230 que solicitava esclarecimentos em relação a observância da Regra e a validade jurídica do Testamento de Francisco. Ao que se sabe, nesta mesma ocasião, ele prega ao pontífice a corte dos cardeais. (RIGON, Antonio. Antonio di Padova e il minoritismo padano. In: I compagni di Francesco e la prima generazione minoritica. ATTI DEL XIXI CONVEGNO INTERNAZIONALE. Assisi: 1991. Atas... Spoleto: Centro di studi sull'alto medioevo, 1992. p. 167-199).

⁷ Partindo das reflexões de Isabel Velásquez, entendo por hagiografia um conjunto de obras da cultura cristã que tem como principal temática os santos. Assim, a hagiografia, abrange uma grande variedade de textos e outros vestígios das mais diferentes naturezas, tanto em prosa, quanto em versos, destinados para fins litúrgicos ou mesmo leituras devocionais relacionadas à vida dos seus protagonistas. Por isso, pode-se incluir no grupo das hagiografias atas, vidas, legendas, hinos, tratados de milagres ou relatos de martírio, etc... (VELASQUEZ SORIANO, Isabel. *Hagiografia y culto a los santos en la Hispania Visigoda*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2005.p. 23).

ligados a grupos dominantes, etc... Desta forma, é possível inferir que os textos produzidos após a canonização de Antônio tiveram esta mesma função.⁸

Neste artigo, irei discorrer sobre os textos hagiográficos em prosa produzidos no século XII.⁹ Das legendas sobre Antônio escritas na primeira metade deste século, se tem notícia de três: a *Legenda Assídua*, cuja autoria é anônima, provavelmente escrita na região do Norte da Itália. Depois a *Vida Segunda*, redigida pelo frade Juliano de Espira datada de 1235 e o *Diálogo sobre as Gestas de Santo Antônio* escrito entre 1245 e 1246 também de autoria anônima.¹⁰

Em finais do século XIII, dentro do movimento, observa-se uma nova produção de hagiografias que narram a vida e os milagres de Antônio. São estas a *Legenda Benignitas* de Frei João Peckham escrita por volta de 1280, a *Legenda Raimondina* do frade Pedro Raymond de Saint Roman por volta de 1293 e a *Legenda Rigaldina*, cuja autoria é atribuída a Frei João Rigald, datada de finais do século XIII e inícios do século XIV.

As hagiografias antonianas do século XIII

Para que se possa promover o estudo de uma hagiografia é imprescindível considerar alguns elementos prévios: o contexto de produção da legenda, visto que cada texto foi escrito durante um período da história da Ordem onde determinados

⁸ GARCÍA DEL BORBOLLA, Ángeles. La leyenda hagiográfica medieval: una especial biografía? *Memoria y Civilización*. Navarra, vol. 5, p. 77-99, 2002.

⁹ Este texto traz reflexões da pesquisa de doutorado em desenvolvimento em que analiso o modelo de clérigo franciscano nas narrativas hagiográficas sobre Antônio de Lisboa/Pádua no século XIII. No estudo destas fontes, opto pela perspectiva da História Comparada, buscando apontar semelhanças e diferenças entre as legendas a partir de uma análise em diacronia. Para tal, delimito a pesquisa somente em textos escritos em prosa para possibilitar uma comparação de maneira profícua. Ao longo do século XIV outras hagiografias foram escritas, contudo, delimito o estudo nos textos do século XIII, pois a partir de 1316 a Ordem entra em um contexto de maior acirramento dos conflitos internos, que culminará na divisão entre conventualismo e observância. Sobre esta questão ver IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 95-112; DESBONNETS, Théophile. *Da intuição a instituição*. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹⁰ Não trago aqui grandes reflexões, problemáticas ou hipóteses, meu objetivo é muito mais apresentar e divulgar as hagiografias que narram a vida do santo em questão com o intuito de instigar novos estudos e pesquisas sobre este *corpus* documental no Brasil. Por isso, em diversos momentos, o texto pode se mostrar descritivo ou narrativo, justamente, porque tenho como maior preocupação, apresentar informações sobre os textos e os trabalhos já produzidos sobre o tema.

anseios permeavam o grupo ou parte dele, logo, de que forma a fonte busca responde-los?

Um outro fator é a autoria, portanto, considero o autor como alguém vinculado a um grupo inserido em um contexto específico que acaba reproduzindo paradigmas ou traços culturais de sua localidade e sua época. Portanto, é possível que estes elementos tenham influenciado na narrativa hagiográfica. Cabe, portanto, investigar o perfil do autor, onde viveu. É preciso considerar também o local em que a hagiografia fora escrita, pois observa-se uma expansão expressiva da Ordem ao longo do século XIII para regiões além da Península Itálica, por isso, embora fosse uma única instituição religiosa, haviam as peculiaridades regionais, o perfil dos religiosos provavelmente variava de uma região para outra. Logo, de alguma forma estas características regionais influenciaram nas narrativas.

Quanto a primeira legenda sobre a vida e os milagres de Antônio, a *Vita Prima Sancti Antonii*, também chamada de *Legenda Assídua*, não se sabe quem foi o autor desta obra. O frade Vergílio Gamboso, que publicou a maior e mais completa edição crítica do texto, traz várias informações a respeito da hagiografia, porém não consegue precisar de quem seria o texto. Todavia o estudioso constata que se tratava de um frade menor, baseando-se no prólogo: “*Levado por insistente pedido dos irmãos e incitado pelo merecimento da salutar obediência, houve por bem escrever a vida e os actos do beatíssimo padre e nosso irmão António (...)*”.¹¹ Ao dizer que escreve a hagiografia pelos “*assidua fratrum postulationem*”, isto é, pelos pedidos assíduos dos irmãos, Gamboso conclui, portanto, que se tratava de um franciscano que escrevia a legenda por solicitação do governo da Ordem.

Segundo León de Kerval, algumas hipóteses foram levantadas a respeito da autoria da legenda. Uma delas apresentada pelo capuchinho R. P. Hilaire, em 1890, propondo que a mesma teria sido redigida por João Peckham, que morreu em 1292.

¹¹ VIDA PRIMEIRA DE SANTO ANTONIO TAMBÉM DENOMINADA LEGENDA ASSÍDUA. In: *Fontes Franciscanas III: Santo Antonio de Lisboa*. Braga: Editorial Franciscana, 1996. p. 33. Segue o trecho em latim: “*Assidua fratrum postulatione deductus nec non et obedientie salutaris fructu provocatus, ad laudem et gloriam omnipotentis Dei, vitam et actus beatissimi patris ac fratris nostri Antonii (...)*”. A versão em latim utilizada nesta dissertação é da seguinte edição: VITA PRIMA DI S. ANTONIO, o “Assidua” (c. 1232). Edizioni Messagero: Pádua, 1981. p. 271 (Doravante Assídua).

Porém, tal hipótese foi refutada ao verificar-se que o texto é anterior a 1240 e que Peckham teria nascido entre 1232 a 1236, sendo então impossível que o mesmo a tenha escrito.¹²

Outra hipótese, apresentada por Ferdinand d'Araules, é a de que a *Assídua* teria sido redigida por Tomás de Celano, autor das legendas sobre a vida sobre Francisco de Assis na primeira metade do século XIII. Ele se baseou na proximidade entre a estrutura narrativa e a presença de vários recursos retóricos que aparecem tanto na *Vida I* quanto na *Vida II* e no Tratado dos Milagres do assisense, bem como na Legenda de Santa Clara Virgem na vida dedicada a Antônio. Contudo, como é apontado por Kerval, este argumento não é forte o bastante para sustentar tal hipótese, pois este estilo de escrita representaria uma espécie de modelo próprio de hagiografia franciscana.¹³

As semelhanças em tais narrativas se relacionam a uma espécie de modelo adotado para se redigir uma “*legenda prima*” franciscana e que poderia ter tido como parâmetro a própria obra de Celano, provavelmente a primeira composta neste tipo de escrita dentro da Ordem.¹⁴ Além disso, acredito que assim como Tomás se inspirou em outras hagiografias anteriores para elaborar as narrativas sobre a vida de Francisco e Clara, o autor da *Assídua* certamente fez o mesmo com relação às obras do celanense.

O texto possivelmente foi elaborado no Norte da Itália, já que os detalhes narrados a respeito da morte e do procedimento para a canonização do santo devem ter sido coletados a partir de testemunhas oculares, ou o próprio autor esteve presente em tais eventos.¹⁵ Henrique Pinto Rema afirma ainda que o mesmo autor deve ter se envolvido diretamente, ou mesmo contribuído, para o processo de canonização de Antônio.¹⁶

¹² KERVAL, León de. *Santcti Antonii de Padua vita duae*. Paris: Librairie Fischbacher, 1904. p. 5.

¹³ *Ibidem*, p. 8

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ *Ibidem*, p. 5.

¹⁶ REMA, Henrique Pinto. Introdução. In: VIDA PRIMEIRA DE SANTO ANTONIO TAMBÉM DENOMINADA LEGENDA ASSÍDUA. In: *Fontes Franciscanas III: Santo Antonio de Lisboa*. Braga: Editorial Franciscana, 1996 p. 29-30.

Vergílio Gamboso, por seu turno, propõe que o escritor, além de ter sido um frade menor, também era sacerdote e letrado. Além disso, ao longo da hagiografia, o santo é caracterizado como um homem dos livros, amante do estudo, um pregador, além de possuir um espírito de oração e devoção.¹⁷

Quanto à datação, tanto Leon Kerval quanto Gamboso concordam que se deu logo após a canonização de Antônio pelo papa Gregório IX. Por outro lado, se o autor narra com detalhes este episódio, é possível, como destaca Kerval, que as informações referentes à sua infância e juventude no Reino de Portugal, bem como a sua tentativa de missão entre os sarracenos, tenham sido fornecidas pelo bispo de Lisboa, D. Soeiro II Viegas, morto em março de 1232.¹⁸

Sobre a tradição manuscrita da *Legenda Assídua*, tanto Kerval quanto Gamboso fornecem diversas informações e locais em que a hagiografia foi encontrada. O manuscrito 286, contendo o texto na íntegra, datado de finais do século XIII e inícios do século XIV, foi encontrado no mosteiro cisterciense de Alcobaça e está conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa. É esta a cópia usada como referência nas principais edições críticas.¹⁹

Outros dois manuscritos foram encontrados na abadia de São Victor em Paris, um datado de finais do século XIII e outro do século XV, e posteriormente transportado para a Biblioteca Nacional de Paris, classificados sob os números 14.363 e 14.365. Outro manuscrito, datado do século XIV, encontra-se no convento capuchino de Lucerna. Também foi preservado o manuscrito conhecido como o número 74 da Biblioteca Antoniana de Pádua.²⁰

Gamboso fornece informações referentes a outros manuscritos com partes ou a hagiografia na íntegra, como o manuscrito E.3.11 do College Trinity de Dublin, que se trata de um lecionário datado dentre os séculos XIV e XV, que pertenceu a um convento franciscano da Irlanda e o manuscrito Cotton Cleopatra, do museu de

¹⁷ GAMBOSO, Vergílio. Introduzione. In: ____ (trad). VITA PRIMA O "ASSIDUA". *Fonti Agiografiche Antoniane*. Padova: Edizioni Messaggero, 1981. p. 22.

¹⁸ REMA, Henrique Pinto. Op cit., p. 29.

¹⁹ GAMBOSO, Vergílio. Op cit., p. 186.

²⁰ KERVAL, León. Op cit., p. 15-16.

British em Londres, que também é um lecionário contendo o *Espelho da Perfeição*, a *Legenda de Santa Clara Virgem* e também os milagres de São Bernardo.²¹

Embora se perceba certa diversidade de manuscritos com partes ou toda a hagiografia transcrita e embora a mesma tenha sido também publicada na *Acta Sanctorum* em 1698,²² somente em 1830 o monge cisterciense Fortunato de Boaventura fez a transcrição do manuscrito presente no Mosteiro de Alcobaça, publicando uma edição crítica bilíngue em latim e português. Ainda em Portugal, Alexandre Herculano publica a reprodução do mesmo texto em 1856 em sua *Portugaliae Monumenta Historica*.²³

Já em 1904, o próprio León Kerval publicou uma versão do texto em latim cotejando a versão de Alcobaça com outros manuscritos provenientes de Paris, Lucerna e Pádua, fornecendo, ao final do texto original, as várias glosas e acréscimos posteriores.²⁴ Todas as traduções modernas da *Assídua* foram produzidas após a iniciativa de Fortunato de São Boaventura, sendo, porém, considerada a mais apurada e com maior rigor crítico a edição do frade conventual Vergílio Gamboso.²⁵

A segunda hagiografia em prosa dedicada ao santo é a *Vita Sancti Antonii Confessoris*, conhecida também como *Vida Segunda*, o texto teria sido escrito com finalidade litúrgica. Juliano de Espira, frade, cuja autoria é atribuída a legenda, teria redigido também *Ofício Rítmico de Santo Antônio*, destinado para uso coral dos religiosos por volta de 1235. Logo, como aponta Gamboso, a hagiografia ao que tudo indica seria usada em conjunto com o ofício.²⁶

Além disso, a *Vida Segunda* responderia também a uma questão política dentro da Ordem. Naquele momento, não apenas Antônio havia sido canonizado recentemente, mas também o próprio Francisco em 1228. A fraternidade começava o empreendimento para a construção da Basílica de São Francisco em Assis e também de Santo Antônio em Pádua.

²¹ GAMBOSO, Vergílio. Op cit., p. 187.

²² *Ibidem*, p. 171.

²³ REMA, Henrique Pinto. Op cit., p. 30.

²⁴ KARVAL, León. Op cit., p. 44-45.

²⁵ REMA, Henrique Pinto. Op cit., p. 31.

²⁶ GAMBOSO, Vergílio. Introduzione. In: GIULIANO DE SPIRA. *Officio Ritmico e Vita Segunda*. Fonti Agiografiche Antoniane. Padova: Edizioni Messagero, 1985. p.258

A comunidade neste contexto passava por diversos conflitos em relação ao governo do ministro geral Frei Elias de Cortona, pois já se apresentava claramente dividida entre o partido dos leigos e dos clérigos, em sua maior parte opositores de Elias. O ministro geral era leigo, aliás, o último a ocupar tal cargo e passou a ser alvo de duras críticas, sobretudo por parte dos clérigos que o acusavam de despotismo e de nomear frades entendidos como “inúteis” por parte dos letrados e padres, por não poderem exercer funções eclesiásticas.²⁷

Segundo Gamboso, a legenda reitera o exemplo de Antônio como cooperador da unidade da instituição e uniformidade do movimento. Além disso, realça a obediência do lisboeta ao retornar do Oriente e aceitar viver em um eremitério, mesmo que estivesse aptidões para a pregação.²⁸

Gamboso destaca também a finalidade apologética da legenda ao estudo dos frades, pois há momentos em que o texto valoriza a atividade intelectual e a difusão da ciência sacra. Cabe tratar, portanto sobre a autoria e local de produção do documento: Juliano era de origem germânica, da cidade de Espira, letrado e musicista, passou grande parte de sua vida em Paris onde foi maestro na corte do Rei da França. Teria ingressado na Ordem, por volta de 1227, às vésperas da morte de Francisco.²⁹

É possível, portanto constatar que Juliano tinha o perfil dos frades letrados, tal como Antônio e teria tido contato com os frades que se dirigiram a Paris. O apelo

²⁷ Ao longo do século XIII, ocorre na Ordem o que se pode chamar de “clericalização” da instituição que se apresentou de forma mais expressiva, sobretudo após o capítulo geral de 1230, onde o então ministro geral Elias de Cortona é destituído da função. Elias assume o governo geral quando Francisco ainda vivia, entretanto, o período em que esteve na função é cercado por discussões a respeito de sua forma de governar, sendo acusado como um ministro despótico e de má índole pela tradição construída, sobretudo pelo grupo de clérigos. Esta visão acerca de Elias pode ser vista na Crônica de Frei Salimbene de Adam de Parma, na qual o autor faz uma lista dos supostos erros do ministro geral. Na fonte, uma das críticas que aparece com maior recorrência contra Elias seria a de que ele demonstrava certa inclinação em beneficiar os irmãos leigos, os quais Salimbene classifica como “inúteis”. Segundo a crônica, um dos erros de Elias foi o de ter recebido leigos em conventos como o de Senna e Pisa, onde o autor da crônica teria morado: “*O segundo defeito de Frei Elias foi que ele recebeu muitas pessoas inúteis à Ordem. Morei no convento de Sena durante dois anos e vi lá 25 irmãos leigos. Morei em Pisa quatro anos e vi 30 irmãos leigos morando lá*”. (Ver: SALIMBENE DE PARMA. Crônica. In: TEIXEIRA, Celso Márcio (coord.). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 1362-1409, p.1278).

²⁸ GAMBOSO, Vergílio. Op cit., p. 260

²⁹ *Ibidem*, p. 261.

ao estudo e a ciência, portanto, permeavam a realidade não apenas do autor, mas de grande parte da comunidade que naquele momento já começava a ter presença expressiva no ambiente universitário. A obra foi escrita no ambiente parisiense já imbuído do estudo teológico.³⁰

Sobre a tradição manuscrita da legenda, segundo Frei Henrique Pinto Rema são conhecidos seis manuscritos contendo o texto completo e mais doze com alguns fragmentos.³¹ Vergilio Gamboso informa alguns manuscritos importantes: o primeiro é o manuscrito 398 da Real Biblioteca de Bruxelas, datado do século XIV aproximadamente; o manuscrito do Catálogo 3161 da Biblioteca dos Bolandistas, também na capital da Bélgica, datado de 1320 e transcrito por iniciativa do monge cisterciense Giovanni di Saint Trond. Já o manuscrito 10 consta na Biblioteca Comunal de Cortona, datado do século XIII aproximadamente.³²

Gamboso ainda informa os manuscritos com fragmentos da legenda como o de número 250 da Biblioteca Casanatense de Roma que consta em um pequeno breviário franciscano datado por volta da primeira metade do século XIII. Também informa sobre a existência do manuscrito B.12 da Biblioteca Capitular de Pádua, datado de finais do século XIII.³³

No tocante as edições, a legenda foi publicada em partes, primeiramente em 1698 pelos Bolandistas na *Acta Sanctorum* por iniciativa do Pe. Danielle Papenbroek. Esta edição teve como base o manuscrito 398 da Biblioteca Bolandista de Bruxelas. Em 1932, Michel Bihl publica também parte do texto na revista *Studi Francescani*. A primeira edição contendo o texto integral foi publicada em 1969 por iniciativa de G. Abate e depois em 1971 por meio do trabalho de J. Cambell, as duas edições foram publicadas na revista *Il Santo*. A edição referencial de Gamboso, resulta, sobretudo de uma revisão dos trabalhos publicados na revista em questão por meio da comparação dos diversos manuscritos.³⁴

³⁰ *Idem*, p. 261.

³¹ REMA, Henrique Pinto. Introdução. In: JULIANO DE ESPIRA. *Vida de Santo Antonio Confessor ou Vida Segunda*. Fontes Franciscanas III, v. 3: Santo Antonio de Lisboa. Braga: Editorial Franciscana, 1996. p. 2

³² GAMBOSO, Vergilio. *Op cit.*, p. 380

³³ *Ibidem*, p. 381

³⁴ *Idem*, p.381

A terceira legenda dedicada a Antônio que se tem notícia é o *Dyalogus de Gestis Beati Antonii*, conhecido como *Dialogus* escrito por volta de 1245 e 1246. O texto foi escrito por ordem de Frei Crescêncio de Jesi que na época exercia o cargo de ministro geral. Antes deste período, entretanto, a fraternidade já havia passado por metamorfoses expressivas, pois o último leigo a exercer a função de ministro geral, Frei Elias, foi deposto por volta de 1239, doravante, somente clérigos assumiram este cargo dentro da comunidade.³⁵

Segundo Grado Giovanni Merlo, em junho de 1241 a comunidade viu o primeiro frade menor ascender ao episcopado, pois Frei Leão de Perego, ministro provincial de Milão foi eleito pelo Capítulo da Catedral como arcebispo da mesma Sé metropolitana com a aprovação de Gregório IX.³⁶

Crescêncio de Jesi foi eleito ministro no capítulo geral de Gênova em 1244 e uma de suas principais medidas foi uma espécie de renovação da produção hagiográfica dentro da Ordem. Não é à toa que o mesmo teria solicitado o recolhimento de testemunhos referentes a vida do fundador, o que resultou na segunda legenda escrita por Tomás de Celano sobre a vida e os milagres de Francisco.

Para Grado Giovanni Merlo, o esforço do ministro e do capítulo ao retomar a vida do fundador era o de tentar apaziguar as constantes tensões que permeavam o movimento desde a sua morte. Por isso, o objetivo era levar os religiosos a retomarem o modelo original de frade menor que deveria ser inspirado no próprio Francisco. Ao que parece, o ministro sendo clérigo, surpreendeu a comunidade ao valorizar os testemunhos daqueles que conviveram diretamente com o santo, em sua maioria leigos que até então haviam sido colocado em posição de marginalidade dentro do instituto, a fim de garantir a autenticidade do documento.³⁷

A fonte compõe uma compilação chamada de *Dyalogus Sanctorum Fratrum Minorum* que tinha por objetivo de preservar a santa memória dos tempos históricos

³⁵ GAMBOSO, Vergilio. Introduzione. In: VITA DEL DIALOGUS. *Fonti Agiografiche Antoniane*. Padova: Edizioni Mesagero, 1986. p. 21-26.

³⁶ MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p. 110.

³⁷ *Ibidem*, p. 111.

da Ordem e edificar os leitores. Os textos teriam sido compilados por um autor, também anônimo.³⁸ O formato do texto parece querer referendar os fatos narrados sobre a vida do santo, pois de forma didática, apresenta um narrador que conta os fatos da vida do santo a um ouvinte que crê em cada palavra narrada.

A autoria do texto é anônima e assim como no caso da *Assídua*, pouco se sabe a respeito do seu autor, porém é possível constatar que se tratava de um confrade do santo celebrado no *Diálogus*, pois se define como servo de Cristo e chama Francisco de “Beatíssimo Pai”. Além disso, o prólogo informa que a legenda foi redigida por obediência ao reverendíssimo padre ministro provincial. O autor, segundo Gamboso, seria um frade de “boa cultura eclesiástica”, hábil na arte do latim, provavelmente um expoente da crescente entrada de doutores na Ordem.³⁹

Assim como o autor da *Assídua*, segundo Gamboso, aquele que escreveu o *Diálogus* teria tido uma formação prévia entre o clero secular ou mesmo regular ingressando na fraternidade já em meia idade. Em sua narrativa, demonstra considerável conhecimento doutrinal e teológico.⁴⁰

Os manuscritos da legenda não são muitos. Até a edição de Gamboso, se tem notícia de um único códice contendo o texto integral do *Diálogus*. Se trata do manuscrito Assisano-Borgiano de número 347 da Biblioteca do Sacro Convento de Assis datado de finais do século XIII. Uma parte da legenda se encontra em um breviário franciscano datado de 1427 proveniente de Chambéry que pertencia a Princesa Maria de Savoia, filha de Amadeu VIII e consorte do duque de Milão Filippo Maria Visconti. Outra parte do texto se encontra no manuscrito Alessandrino de número 93.⁴¹

Parte da legenda foi publicada em uma edição também é atribuída ao padre jesuíta Danielle Papenbroek, publicada no oitavo número da *Acta Sanctorum* em junho de 1968 e depois em 1974 na mesma revista. A primeira edição se deve ao

³⁸ *Ibidem*, p. 153.

³⁹ GAMBOSO, Vergilio. Op cit.,p. 21.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 24

⁴¹ *Ibidem*, p. 84.

franciscano Ferdinand-Marie Delorme em 1923. A primeira edição crítica é a de Vergilio Gamboso publicada em 1986.⁴²

Depois de cerca de 30 anos, em finais do século XIII, dentro do movimento franciscano, observa-se um renovado interesse pela produção de hagiografias que narram a vida e os milagres do lisboeta. Creio que os franciscanos tenham retomado a elaboração de *vitae* sobre o religioso, pois viu a necessidade de reforçar e propagar a sua santidade, em virtude da basílica dedicada ao seu culto na cidade de Pádua, inaugurada em torno na década de 60. Não é por acaso que, comparando com as lendas da primeira metade do mesmo século, os textos produzidos a partir de 1280 dão maior destaque aos milagres e aos elementos taumatúrgicos do santo português.

Na segunda metade do século XIII, foi produzida por Frei João Peckham a *Legenda Sancti Antoni presbyteri et confessoris*, chamada também de *Benignitas*. O frade era de origem inglesa e provavelmente ingressou na Ordem dos Frades Menores entre 1250 e 1257, após de ter estudado em Oxford e depois em Paris, onde obteve o título de mestre e passou a lecionar Teologia na mesma universidade. Foi reitor da Universidade de Paris e depois eleito ministro provincial na Inglaterra.

Além da legenda, Peckham também teria produzido obras sobre ciência natural na área da física em pesquisas sobre óptica. Foi um opositor de Tomás de Aquino em relação a concepções teológicas a respeito da criação simultânea da alma e do corpo.⁴³ O autor, portanto, assim como os escritores das lendas anteriores era um clérigo ordenado e fazia parte do grupo dos doutores letrados da comunidade.

Vergilio Gamboso informa que a legenda foi redigida após uma decisão do capítulo geral de Pádua em 1276, realizado em Pentecostes, ocasião em que foi eleito ministro geral Jerónimo de Áscoli que futuramente será eleito o papa com o nome de Nicolau IV.⁴⁴ Antes disso, todavia, Boaventura, até então ministro geral, foi nomeado cardeal e bispo de Albano em maio de 1273 pelo papa Gregório X. No ano

⁴² *Ibidem*, p. 90.

⁴³ GAMBOSO, Vergilio. Introduzione. In: JOHANNES PECKHAM. *Benignitas. Fonti Agiografiche Antoniane*. Padova: Edizioni Mesagero, 1988. p.255.

⁴⁴ REMA, Henrique Pinto. Introdução. In: JOÃO PECKHAM. *Benignitas. Fontes Franciscanas III, v. 2. Santo Antonio de Lisboa*. Braga: Editorial Franciscana, 1996. p. 11.

seguinte, foi realizada a transladação dos restos mortais de Antônio por meio de uma cerimônia presidida pelo cardeal minorita.⁴⁵

A peculiaridade da Legenda reside no capítulo XIX em que são narrados os acontecimentos ocorridos após a morte de Antônio. O texto informa o ano de construção da basílica e a própria canonização do santo presidida por Gregório IX, neste sentido, a legenda define o santo lisboeta como um intelectual, pois de acordo com o mesmo capítulo, o papa teria entoado a antífona dos doutores em homenagem ao santo.⁴⁶

A hagiografia trata ainda as circunstâncias em que a mesma foi escrita, pois é narrada a nomeação de Boaventura para cardeal bispo de Albano e a própria transladação dos restos mortais do santo. Além disso, a fonte inaugura uma nova produção de textos em que o apelo ao aspecto milagroso do protagonista ganha maior destaque, elemento que como já foi dito, provavelmente se vincula ao santuário em Pádua e o aumento da devoção ao santo.⁴⁷

Gamboso informa quatro manuscritos contendo a legenda: o primeiro é o manuscrito Londinense, se trata de uma fonte importante para os estudos franciscanos, objeto de pesquisa inclusive do teólogo e historiador protestante Paul Sabatier que em finais do século XIX, inaugurou as pesquisas sobre Francisco de Assis. O manuscrito britânico contém hagiografias escritas entre o século XIII e XIV como a própria *Assídua* e a *Benignitas*, localizado no departamento de manuscritos do Museu de British, catálogo Cotton Cleopatra BII, ordem 43724. Outro é o manuscrito da Biblioteca Marshiana de Dublin que se encontra no Códice Z.3.1.5, contendo também a *Assídua*.⁴⁸

A primeira edição crítica publicada se deve a León de Kerval em inícios do século XX, a segunda ao catedrático paduano Reberto Cessi em 1923 que defendeu a datação da hagiografia como anterior as legendas *Raimundina* e *Rigaldina*. A terceira é do frade conventual José Abate em 1970 que levantou a hipótese da fonte

⁴⁵ GAMBOSO, Vergilio. Op cit., p. 256.

⁴⁶ REMA, Henrique P. Op cit. p. 12

⁴⁷ *Idem*, p. 12

⁴⁸ GAMBOSO, Vergilio. Op cit., p. 353.

ter sido escrita por um frade italiano no século XIV e a última é a de Vergilio Gamboso em 1986 que defende a autoria de João Peckham e a datação por volta de 1280.⁴⁹

Em finais do século XIII é escrita no âmbito do convento franciscano de Pádua a *Vita Sancti Patris Antonii de Padua* escrita por Frei Petro Raymundi de Sancto Romano, chamada também de *Raimundina*. A legenda foi redigida no âmbito do convento franciscano de Pádua, o autor teria recolhido os milagres sobre o santo, sendo aprovados pelo bispo da cidade e teria escrito o texto a partir do apelo da fraternidade paduana, a qual estava vinculado em 1293, momento em que a hagiografia teria sido escrita.⁵⁰

O momento em que a fonte foi produzida é permeado de conflitos entre a Ordem e o papado. Em um primeiro momento, a comunidade vive a querela em relação aos privilégios e atividades pastorais exercidas pelos frades que haviam sido concedidos por Gregório IX face ao episcopado, levando que os franciscanos entrem em atrito com o clero secular, sobretudo com bispos franceses. Os seculares criticavam os privilégios dos frades na Universidade de Paris,⁵¹ além de terem a permissão de pregarem em dioceses e atenderem a confissão de fiéis sem o aval do bispo diocesano.⁵²

⁴⁹ REMA, Henrique P. Op cit., p. 12.

⁵⁰ GAMBOSO, Vergilio. Introduzione. In: PETRO RAYMUNDI DE SANCTO ROMANO. *Legenda Raymundina*. Fonti Agiografiche Antoniane. Padova: Edizioni Mesagero, 1992. p.11-18.

⁵¹ A presença dos minoritas na Universidade gerou tensões como a famosa querela entre seculares e mendicantes em que o mestre secular Guilherme de Saint-Amour fez ataques aos dominicanos e franciscanos. As queixas dirigidas aos mendicantes, eram sobretudo, de ordem corporativa, pois no contexto do século XIII, a universidade de Paris nada mais era que uma corporação formada por mestres e os estudantes. Os mendicantes eram acusados de violar os estatutos, porque depois de se graduarem em teologia, obtinham licença para lecionar sem cursar Artes o que era uma norma da instituição. Além disso, o papa lhes havia cedido a possibilidade de obter a licença para ensinar teologia fora da universidade, por meio do chanceler de Notre-Dame, ocupando duas cátedras, quando os estatutos lhes permitiam apenas uma. Outra crítica residia no fato de que os mestres mendicantes rompiam com a solidariedade universitária, pois davam continuidade aos seus cursos no momento em que a instituição entrava em greve, mesmo sendo este um direito concedido pelo papado. Como os mendicantes não recebiam dinheiro para lecionar e viviam de doações, os seculares os acusavam de estar alheios às reivindicações dos universitários. Também eram acusados de monopolizar os estudantes, desviando-os para a vida religiosa. (LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2010. p. 130).

⁵² IRIARTE, Lázaro. *Op cit.* p. 84.

As querelas se agravaram ainda mais durante o pontificado de Bonifácio VIII que ocasião se colocou ao lado dos bispos, limitando a ação pastoral dos minoritas. Somado a isso, no seio da fraternidade, o grupo dos chamados “Espirituais” continuavam a questionar as intervenções pontifícias dentro da Ordem. Bonifácio havia ascendido a cátedra de Pedro com a renúncia do monge Celestino V, os Espirituais acusaram-no de usurpador, declarando que o conclave que o havia eleito fora ilegítimo. Além disso, classificavam Gregório IX e Nicolau III como hereges por terem ousado propor interpretações a Regra escrita por Francisco, revelada pelo próprio Cristo. Bonifácio então excomunga os líderes dos Espirituais levando a sérios conflitos no âmbito da comunidade.⁵³

Mais uma vez, portanto, a hagiografia servia como uma forma de unificar a fraternidade em uma realidade de conflitos em uma tentativa de resgatar a identidade do movimento. O autor Pedro Raimundo era oriundo de Saint Roman, uma comuna localizada na região de Provença no reino da França. Teria sido professor no convento de Pádua em 1293 e estava hospedado na fraternidade desde setembro.⁵⁴

Na Ordem naquele momento se verificava um intercâmbio contínuo de estudantes de várias províncias em Pádua que passou a funcionar como uma espécie de casa de estudos gerais, no âmbito do convento já haviam produzidas obras na área de Homilética, Filosofia e Teologia. Saindo de Pádua, Pedro Raimundo foi eleito ministro provincial da Aquitânia.⁵⁵

O texto dá ênfase em elementos que até então estavam obscuros em textos anteriores ou que haviam sido omitidos, como a defesa de que Antônio foi ordenado presbítero quando ainda era cônego regente em Coimbra e que o santo presidia a missa para os irmãos leigos do eremitério de Monte Paolo. Desta forma, a legenda reitera que o religioso pertencia não apenas ao grupo dos clérigos, mas também era presbítero.

⁵³ *Idem*, p.90.

⁵⁴ GAMBOSO, Vergilio. Op cit. p.20-21.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 22.

Em relação a tradição manuscrita da legenda, Gamboso informa que a Raimundina sobreviveu a um esplendido isolamento no ambiente do santuário de Pádua, pois a mesma permaneceu confinada no convento anexo a basílica. Por isso, a obra provavelmente não teve grande circulação no contexto em que foi escrita.⁵⁶

Uma cópia consta no Códice Antoniano 74 da Biblioteca do convento de Pádua, datado da primeira metade do século XIV, mais precisamente entre 1325 e 1330. Se trata do manuscrito 390 x 360 que é um lecionário coral que fora utilizado na basílica do santo, onde constam além da legenda, outros milagres posteriores a 1346 anexados ao texto. Consta no mesmo códice uma cópia da *Legenda Maior e Menor* de São Francisco, escrita por Boaventura, a *Legenda de Santa Clara Virgem* e a *Assídua*, além de um texto sobre a vida de S. Prosdócimo, protobispo de Pádua.⁵⁷

Além do códice, a legenda também se encontra em um lecionário monástico, também na cidade em que o santo faleceu. Se trata do manuscrito 1636 da Biblioteca da Universidade de Pádua. A cópia é proveniente da abadia de Santa Justina datado da primeira metade do século XV.⁵⁸

A primeira edição crítica foi redigida no século XIX e se deve ao frade conventual, prefeito da biblioteca de Pádua Antonio Josa. Em seguida, foi publicada a edição do também conventual León Kerval em inícios do século XX e de Giuseppe Abate e por fim, a edição de Gamboso.

A última das hagiografias escritas no século XIII é a *Vita Beati Antonii di Ordine Fratrum Minorum*, chamada também de *Rigaldina* que teria sido escrita entre 1293 e 1317. Embora a autoria seja atribuída a Frei João Rigald, este elemento está permeado de questões que precisam ser pontuadas.

Primeiramente, João Rigald foi um frade francês natural de Limognes e foi contemporâneo do inquisidor dominicano Bernardo Gui. Gamboso levanta a hipótese de que o minorita teria nascido em 1250 e ingressado em 1268, logo após o generalato de Boaventura. Rigald entra no movimento minorítico já com considerável formação intelectual, visto que após o capítulo geral de Narbona, só era

⁵⁶ *Ibidem*, p. 151.

⁵⁷ *Ibidem*, 152-153.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 156.

permitido a entrada de candidatos com algum letramento prévio.⁵⁹ Ao ingressar no movimento com 18 anos, provavelmente deu continuidade a formação intelectual já como frade menor.⁶⁰

Foi ordenado diácono e depois presbítero, se aprofundou na Teologia em algum centro de estudos de sua província, conquistando o grau de doutor e depois de mestre em Sagrada Teologia em Paris. Foi guardião e mestre de noviços na sua província de origem. É em finais do século XIII que inicia a elaboração da vida de Santo Antônio, por isso, a sua narrativa buscava preencher a lacuna deixada pelas *vitae* anteriores que omitiram as missões do santo em Limognes, cidade natal do autor. Para isso, Rigald recolhe testemunhos de frades anciãos de sua região que teriam convivido com o santo português. Ele escreve a legenda incentivado pelos mestres da vida franciscana, pelo crescimento da devoção ao lisboeta por meio de sua basílica e crescimento da Ordem.

Rigald teria estado em Assis, por volta de 1301 para o Jubileu da Porciúncula. Ao retornar para a sua província na França, passou a dedicar-se com mais afinco a atividade pastoral como confessor na corte pontifícia em Avignon. Em seguida, foi então chamado pelo papa João XXII para ser penitenciário pontifício, logo, ao que parece, tinha boas relações com a Santa Sé, mesmo em um período em que sua ordem começava a entrar em conflito com o papa, tanto que em 1217 é nomeado bispo de Tréguier.⁶¹

⁵⁹ Naquele momento a clericalização da ordem já havia se institucionalizado, tal elemento pode ser constatado na rubrica de número 3 do capítulo 1 das Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores aprovadas em 1261 no Capítulo Geral de Narbona: "3. E já que Deus não nos chamou somente para a nossa salvação, mas também para a edificação dos outros através de exemplos, conselhos e salutares exortações, ordenamos que ninguém seja recebido à nossa Ordem se não for um clérigo competentemente instruído na gramática ou na lógica, ou se não for um clérigo ou um leigo cujo ingresso seja uma edificação muito importante e insigne para o povo e para o clero". Segue o trecho em latim: "*Et quia non solum propter nostram salutem vocavit nos Deus, verum etiam propter aliorum aedificationem per exempla, consilia et salubria hortamenta, ordinamus quod nullus recipiatur in Ordine nostro, nisi sit talis clericus qui sit competenter instructus in grammatica vel logica, aut nisi sit talis clericus vel laicus, de cuius ingressu esset valde celebris et famosa aedificatio in populo et in clero*". (CONSTITUTIONES GENERALES ORDINIS FRATRUM MINORUM EDITAE ET CONFIRMATAE IN CAPITULO GENERALI APUD NARBONAM. In: BIHL, Michael (ed). *Archivum Franciscanum Historicum*, Ano 34. Roma: Collegium S. Bonaventure, 1941, p. 13-94; 284-358).

⁶⁰ GAMBOSO, Vergilio. Introduzione. In: JOHANNES RIGALDI. *Legenda Rigaldina*. Fonti Agiografiche Francescane. Padova: Edizioni Messagero, 1996.p. 334-344.

⁶¹ CAROZZI, Claude. Jean Rigauld biographe de Saint Antonie. *Il Santo: Revista francescana di storia dottrina arte*, Padova, n.36, p. 71-88, 1996.p. 71-72.

Neste sentido, Gamboso, embora não informe com precisão em que momento da legenda o frade interrompeu a redação, levanta a hipótese de que ela não teria sido concluída por Rigald, mas, sim por um possível colaborador, do qual não se sabe o nome, que teria então preenchido as lacunas e disponibilizado o texto para o público.⁶²

No início do século XIV a Ordem, sobretudo na França vivia novamente em conflito, é o momento em que o papado muda a sede da Igreja de Roma para Avignon e durante o pontificado de João XXII, os minoritas e o Bispo de Roma entraram rixas no que tange a questão da pobreza de Cristo e dos Apóstolos.

Naquele momento, os Frades Menores defendiam que Cristo e seus apóstolos não possuíram nenhum bem, nem em comum e nem em particular. O papado, porém, declarou que tal proposição dos franciscanos era herética, afirmando que perfeição evangélica consistia na caridade e que a renúncia de bens temporais valia como disposição do amor, portanto, de nada servia abdicar de bens e demonstrar constante preocupação com eles. João XXII acusava os minoritas de petulância, pois gloriavam-se de sua altíssima pobreza face aos demais mendicantes.

O conflito, porém, teve a participação de autoridades seculares, pois naquele período, o ministro geral era Miguel de Cesena e tinha suas posições defendidas pelo dialético Bonagrazia de Bérgamo que solicitou ao papa a mudança de seus posicionamentos. O papa, porém reiterou a condenação de heresia e mobilizou os intelectuais da Santa Sé para que reiterassem suas ideias.⁶³

Além disso, o imperador Luís de Baviera tomou partido na disputa e entrou em defesa dos frades. O ministro geral foi chamado a Avignon e este acabou enfrentando João XXII que ordenou a eleição de um novo ministro. O capítulo de Bolonha, todavia confirmou Miguel. O imperador então promoveu a eleição de um antipapa que era o franciscano Pedro de Corbona que adotou o nome de Nicolau V. João XXII excomungou o ministro geral e os dirigentes da Ordem que juntamente

⁶² GAMBOSO, Vergilio. Op cit., p. 350.

⁶³ IRIARTE, Lázaro. Op cit., p. 96.

com a Igreja, entrava em um cisma. As querelas só se dissolveram quando o antipapa se submeteu a autoridade do papado.⁶⁴

Comparados a outros textos escritos pelo autor, a Rigaldina não teve tanta circulação como a *Formula Confessionum*, um manual destinado ao uso de confessores dedicado a Berengario Frédon, bispo de Béziers, criado cardeal em 1305; o *Compedium Theologie pauperis fratris minoris*, um condensado orgânico da doutrina católica destinado ao uso dos frades; o *De Expositione Misse*, um tratado sobre a penitência sacramental e o sacrifício eucarístico e o *Sermones*, um conjunto de sermões dominicais.⁶⁵ A legenda, por seu turno, foi destinada, sobretudo ao público de Limognes, logo se observa na narrativa, uma quantidade considerável de fatos e milagres ocorridos na região.

Com relação a tradição manuscrita, segundo Gamboso só se tem notícia de um único contendo o texto completo, se trata do Manuscrito de número 270 de Bordeaux, encontrado no Convento de Cordeliers na França. Logo, é possível concluir que a obra teve uma pequena circulação em terras francesas, visto que o texto foi destinado, sobretudo ao povo de Limognes. Partes da legenda foram anexadas e divulgadas na hagiografia posterior que é o *Liber Miraculorum Sancti Antonii*, escrito por volta de 1316.

A primeira edição crítica, segundo Rema se deve a Delorme que publica uma versão bilíngue em latim e francês em 1899. Em seguida Felipe Conconi publica outra versão que se esgota rapidamente em 1931, levando a necessidade de uma nova impressão. José Abate publicou uma nova edição em 1970 e por fim, Vergílio Gamboso publica a última edição crítica que se tem notícia em 1992.⁶⁶

Ao longo da exposição sobre o contexto de produção e natureza das lendas, além dos principais manuscritos, mencionei também algumas edições críticas escritas ao longo do século XIX e XX. Destaco duas que tive acesso: a primeira edição crítica que traz algumas lendas sobre Antônio que se tem notícia se deve ao padre

⁶⁴ *Ibidem*, p. 97.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 351-356.

⁶⁶ REMA, Henrique P. Introdução. In: JOÃO RIGALDI. *Legenda Rigaldina*. Fontes Franciscanas III, v. 3. Braga: Editorial Franciscana, 1996. p. 14.

León de Kerval em inícios do século XX. Tive acesso ao volume que traz os textos da *Legenda Assídua* e da *Legenda Benignitas*, intitulado *Sancti Antonii de Padua vitae duae*.

Apesar de inserir-se ainda em uma perspectiva historiográfica vinculada ao século XIX, que entende o estudo da hagiografia como um exercício de distinção entre o “real” e o “irreal” em relação a vida dos santos, Kerval apresenta informações relevantes sobre a transmissão manuscrita das fontes. O autor também levanta diversos questionamentos acerca do contexto de produção das *vitae*, bem como sobre sua autoria. O padre publicou as outras legendas em edições posteriores, entretanto não tive acesso a elas.

Como já destacado, a edição crítica de referência das hagiografias sobre Antônio é de autoria do frade conventual Vergílio Gamboso. O religioso se dedicou à tradução dos textos e ao seu estudo entre as décadas de 70 e 80. Esta versão é a última edição crítica destas *vitae*. Cada legenda conta com uma extensa introdução contendo informações essenciais sobre o contexto de produção, dados do autor, além dos manuscritos e sua transmissão. A obra de Gamboso consta de cinco volumes contendo desde a primeira hagiografia até a última que se tem notícia, escrita no século XIV, e foi publicada pela Edizione Messagero de Pádua.

Ainda que não se trate de uma edição crítica, nos anos 90 os textos foram publicados pela Editorial Franciscana da Província de Braga em Portugal, sob a coordenação de Frei Henrique Pinto Rema. Por fim, recentemente, foi publicada mais uma versão em italiano, também pela Edizioni Messagero, sob a coordenação de Maria Teresa Dolso.⁶⁷

A produção hagiográfica sobre o santo lisboeta, comparada a de Francisco, aquele tido como fundador do movimento é consideravelmente grande, pois além das legendas aqui tratadas, no século XIV constam ainda mais dois textos que são o *Liber Miraculum*, conhecida também como *Legenda Florentina*, datado entre 1367 e 1370, além do *Profilo Antoniano* do frade dominicano Bartolomeu de Pisa e a *Vita di*

⁶⁷ DOLSO, Maria Teresa (org.) *Fonti Agiografiche dell' Ordine Francescano*. Padova: Edizioni Messagero, 2014.

S. Antonii do escritor humanista paduano Sicco Polentone, datado de finais do século XV.

Estudos sobre as legendas

Ao promover um estudo acerca das legendas em questão, encontrei trabalhos não só na área de História, mas também em Teologia, Filologia, Literatura e Filosofia. Contudo, não tive acesso a muitos estudos monográficos sobre elas, mas sim artigos, principalmente publicados na revista “*Il Santo*”, um periódico quadrimestral vinculado à Basílica de Pádua, que divulga trabalhos de historiadores, teólogos, filósofos, dentre outros estudiosos que desenvolvem pesquisas sobre Antônio. Listarei os principais trabalhos dos quais tive acesso, adotando como critério estudos que tiveram por objeto as hagiografias.

Um dos trabalhos que consta no referido periódico é o artigo *L’ Antonio dele biografie* do latinista e filólogo Claudio Leonardi.⁶⁸ Em seu ensaio, o autor compara as mais diversas legendas sobre o santo escritas entre os séculos XIII e XIV na Ordem Franciscana, analisando o que ele considera uma espécie de esquema biográfico ou mesmo um modelo hagiográfico presente nos textos.

Ainda que em seu ensaio a análise das hagiografias não seja feita de forma aprofundada, Leonardi conclui que as características principais destas fontes é a centralidade da pregação e ação pastoral do protagonista. Todavia, nas legendas escritas em finais do século XIII e inícios do século XIV, existe uma preocupação em incluir a figura de Francisco e caracterizar Antônio como seu discípulo, inserindo ao longo da narrativa elementos como a pobreza, a humildade e a obediência à Igreja Romana. Segundo o autor, tais características estariam vinculadas ao momento de turbulência institucional da qual a Ordem vivia naquele momento, questão que será tratado a diante.

Outro estudo do qual tive acesso é o texto *Jean Rigauld biographe de Saint Antonie* de Claude Carozzi.⁶⁹ O artigo trata-se de um estudo específico sobre o frade

⁶⁸ LEONARDI, Claudio. *L’ Antonio dele biografie*. *Il Santo: Revista francescana di storia dotrina arte*, Padova, n.36, p. 31-43, 1996.

⁶⁹ CAROZZI, Claude. *Jean Rigauld biographe de Saint Antonie*. *Il Santo: Revista francescana di storia dotrina arte*, Padova, n. 36, p. 71-88, 1996.

João Rigaldi e a hagiografia sobre Antônio da qual lhe é atribuída autoria, a *Legenda Rigaldina*, destacando informações sobre o autor, contexto de produção e também características gerais da obra.

Concordando com Leonardi, Carozzi defende que a legenda realça a pobreza de Antônio, bem com sua humildade, visto que no momento em que a *vita* é redigida, entre finais do século XIII e inícios do século XIV, a Ordem passava por momentos de conflitos em relação à vivência e ao próprio conceito de pobreza, entre os religiosos e diante do próprio papado. Além disso, segundo Carozzi, Rigald constrói uma narrativa dedicada a vincular a santidade de Antônio a França, elemento até então omitido por outros textos.

Destaco também, o trabalho do historiador italiano Andrea Tilatti intitulado *L' "Assidua": ispirazione franciscana e funzionalità patavina*.⁷⁰ Ao longo do texto, o autor levanta a hipótese de que a *Assidua* estaria vinculada a um modelo de santidade franciscana que retira de Antônio a imagem de cônego e enfatiza a sua missão como frade menor. A hipótese de Tilatti se apoia no fato de que a legenda traz a mesma estrutura narrativa da *Primeira Vida de São Francisco* escrita por Tomás de Celano.

Entretanto, a peculiaridade da *Assidua*, segundo Tilatti, é justamente inaugurar uma santidade franciscana vinculada ao ministério sacerdotal, pois além de reproduzir a narrativa hagiográfica da vida de Francisco de Assis, um leigo, a fonte enfatiza também outros elementos próprios de um clérigo e presbítero, como a pregação, a elaboração de sermões e o atendimento de confissões.

Outro trabalho que cabe citar é o do professor de literatura medieval e humanística da Universidade de Perúgia Stefano Brufani. Em seu artigo intitulado *"Agiografia antoniana e francesana"*,⁷¹ o estudioso, comparando as legendas sobre Antônio em relação as de Francisco, propõe a hipótese de que a natureza dos textos dedicados ao santo português tinha por preocupação primordial a difusão da

⁷⁰ TILATTI, Andrea. *L' "Assidua": ispirazione franciscana e funzionalità patavina*. *Il Santo: Revista franciscana di storia dottrina arte*, Padova, n.36, p. 45-69, 1996.

⁷¹ BRUFANI, Stefano. *Agiografia antoniana e francesana*. *Il Santo: revista franciscana di storia dottrina arte*, Padova, v. 36, serie II, fasc. 12, p. 71-88, 1996.

atividade pastoral da Ordem, diferente dos textos dedicados ao fundador, que dão ênfase à pobreza e à fraternidade.

Além disso, segundo Brufani, o santo lisboeta ingressou no movimento franciscano atraído por um grupo de religiosos em expansão e com um vigor pastoral novo e não necessariamente pelo exemplo de Francisco. Nos sermões antonianos, o teólogo raramente cita elementos da espiritualidade franciscana, dando maior ênfase a termos teológicos e da doutrina eclesiástica. Todavia, coube aos frades, posteriormente, enquadrar o santo português no modelo de frade franciscano, por isso ao longo das lendas, além da atividade pastoral e da pregação, também se atribui a Antônio virtudes como a pobreza e o minoritismo.

Os quatro primeiros trabalhos citados, portanto, atentam ao fato de que a hagiografia franciscana relacionada a vida de Antônio, sobretudo a Assídua, construíram cada uma ao seu modo, uma imagem do português a partir de um modelo de religioso franciscano pré-estabelecido cujas virtudes residiam na humildade, pobreza, pregação e obediência à Igreja Romana. Estes elementos dão suporte a análise das lendas que terá como principal objetivo, evidenciar a figura do lisboeta como clérigo e intelectual franciscano.

Todavia, por se tratarem justamente de pequenos ensaios e não de trabalhos monográficos, sua análise em diversos momentos se mostra genérica e a comparação sistemática não se mostra clara, ou ainda, não parece ser a preocupação dos autores.

Cabe citar também o artigo "*Dimensione storica e costruzione agiografica nelle biografie antoniane*"⁷² do monge Réginal Grégoire, historiador e especialista em hagiografia da Universidade de Pisa. O autor se concentra na análise da *Legenda Assídua* e busca entender o contexto histórico em que o texto foi escrito.

Para Grégoire, a *vita* se distancia de outras lendas do período e mesmo das outras hagiografias dedicadas ao santo, por não enfatizar os milagres de Antônio, principalmente em vida. O monge entende, portanto, que o texto pode ser concebido

⁷² GRÉGOIRE, Reginald. *Dimensione storica e costruzione agiografica nelle biografie antoniane*. In: *Il Santo: rivista franciscana di storia dottrina arte*, Padova, v. 36, serie II, fasc. 12, p. 336-345, 1996.

também como uma biografia, pois está mais preocupado em narrar os principais fatos em uma ordem cronológica da trajetória do lisboeta.

O fato da pregação ganhar destaque no decorrer da fonte, segundo Grégoire, acaba por enquadrar a *vita* em uma tipologia própria do seu tempo, que são as narrativas sobre os santos mendicantes, cuja ênfase reside em sua ação pastoral, pregação, virtudes e obediência à Igreja. Esta característica, segundo o autor também está presente nas legendas sobre Domingos de Gusmão.

Jacques Dalarun, por seu turno, uma das principais referências sobre o franciscanismo medieval, também publicou um ensaio sobre as hagiografias de Antônio intitulado “*Miracolo e Miracolinell’agiografia antoniana*”.⁷³ Trata-se, como o próprio autor diz, de um trabalho de cunho quantitativo, visto que é feito um levantamento dos milagres narrados nas legendas dedicadas ao santo entre os séculos XIII e XIV e também qualitativo, pois, em um segundo momento, há a preocupação em caracterizar as legendas de Antônio no contexto da santidade medieval.

Segundo Dalarun, um dos motivos que explica a considerável presença de milagres nas narrativas sobre o santo é a natureza dos textos que estão preocupados em fomentar muito mais o culto ao lisboeta do que propriamente a divulgação da Ordem, como é observado nas hagiografias de Francisco. Além disso, a grande maioria dos milagres, segundo o historiador, são realizados na cidade de Pádua e nas localidades próximas situadas no Norte da Itália, destacando, portanto, o caráter urbano e cívico do culto ao religioso lisboeta.

O trabalho de Dalarun, se aproxima em parte com o de Brufani que também entende a narrativa presente nas legendas como uma forma muito mais de difundir a Ordem e seus feitos que necessariamente o santo hagiografado. Entretanto, Dalarun não apresenta uma problematização contundente sobre o perfil de Antônio em quanto frade menor, elemento que pretendo evidenciar na análise das legendas

⁷³ DALARUN, Jacques. *Miracolo e miracolinell’agiografia antoniana*. In: «Vite» e vita di Antoniodi Padova. ATTI DEL CONVEGNO INTERNAZIONALE SULLA AGIOGRAFIA ANTONIANA. Padova, 1995. Atas... Padova: Centro di Studi Antoniani, 1997.p.203-39.

o que também está vinculado a difusão do movimento franciscano como cooperador do papado e da Igreja Romana.

Uma das referências não apenas sobre as legendas, mas sobre estudos destinados a figura de Antônio em geral, são as pesquisas do historiador Antonio Rigon, professor de história medieval da Universidade de Pádua. Em seu artigo “*Vite*” e *vita di Antonio nella storiografia del Novecento*,⁷⁴ o autor promove uma revisão dos trabalhos, sobretudo as edições críticas das hagiografias de Antônio, englobando León Kerval e também Vergilio Gamboso.

Comparando as pesquisas dos diversos autores, Rigon discute a chamada “questão antoniana”, que consiste em questionar o porquê da omissão de alguns momentos da vida do santo lisboeta nas primeiras legendas, principalmente na *Legenda Assídua*. As passagens omitidas, relatam a sua atividade pastoral no Sul da França e um suposto encontro com Francisco em Espira. O historiador não apresenta uma resposta a esta questão, porém, compara este elemento com a “questão franciscana” levantada por Paul Sabatier em suas pesquisas sobre a vida de Francisco de Assis.⁷⁵ A preocupação de Rigon neste artigo, portanto, é fazer uma revisão dos trabalhos que utilizam como documentação as fontes antonianas, apresentando teses e contribuições de diversos autores.

O trabalho de Rigon objetiva, portanto apresentar as edições críticas e estudos anteriores sobre as legendas do santo português sem a pretensão de promover uma análise aprofundada do conteúdo presente nas *vitae*. Este artigo, portanto, apresenta questões para assim instigar o pesquisador a investigar mais sobre o tema.

Em nível nacional, um dos estudos mais recentes é a monografia de conclusão de curso de graduação de Gustavo Gonçalves, da Universidade Federal do Rio

⁷⁴ RIGON, Antonio. “Vite” e *vita di Antonio nella storiografia del Novecento*. In: _____. *Dal libro alla folha: Antonio di Padova e il francescanesimo medievale*. Roma: Viella, 2002.p. 215-230.

⁷⁵ A questão franciscana foi levantada por Sabatier ao analisar as hagiografias sobre a vida de Francisco, comparando a imagem construída sobre o santo por parte da Igreja Romana e a Ordem e o que foi narrado, sobretudo na legenda intitulada *O Espelho da Perfeição*. Segundo Sabatier, a hagiografia de inícios do século XIV seria o relato mais verossímil sobre a vida do santo de Assis, pois trazia elementos como a observância extrema da pobreza, dentre outros episódios de conflito entre o santo e sua Ordem que foram omitidos em outras legendas.

Grande do Sul, intitulada “*Super Candelabrum: A canonização de Antônio de Pádua nas contendas do Ducento italiano*”,⁷⁶ defendida em 2016.

Em seu trabalho, Gonçalves discorre sobre a questão da religiosidade cívica e a política pontifícia de Gregório IX a partir da canonização de Antônio. Ao longo de sua exposição, discute os interesses da Cúria Romana em seu projeto de dominação na região da Península Itálica e, para isso, articula trechos da *Legenda Assídua* que refletem a conduta de Antônio como um modelo de obediência à doutrina católica e à autoridade papal.

Embora tenha citado alguns trabalhos sobre as hagiografias antonianas, com exceção do trabalho de conclusão de curso de graduação, como destacado. Além disso, dos artigos listados, vi que as pesquisas até o momento deram maior peso ao aspecto milagroso das *vitae* sobre o lisboeta e a *Legenda Assídua* e *Rigaldina*. Portanto, constatei que o campo sobre as hagiografias antonianas, principalmente em âmbito nacional ainda precisa ser melhor explorado.

Além disso, dos artigos listados, observei que as pesquisas até o momento deram maior peso ao aspecto milagroso das *vitae* sobre o lisboeta e a *Legenda Assídua* e *Rigaldina*. Porém, existem outros aspectos a serem estudados nestes textos.

A questão da clericalização da Ordem a partir da escrita hagiográfica antoniana

Depois de situar as legendas em variados contextos da história da Ordem, aponto que um dos elementos pouco trabalhados é justamente o perfil do santo enquanto pregador e letrado. Poucos estudos se concentraram em destacar o santo como frade vinculado a uma Ordem religiosa e todo o universo que permeia a sua vida enquanto franciscano como a observância do minoritismo e pobreza.

Além disso, sendo Antônio teólogo, como foi construído pela tradição da instituição, também não tive acesso a pesquisas que tenham como objeto na análise

⁷⁶ GONÇALVES, Gustavo da S. *Super Candelabrum: A canonização de Antônio de Pádua nas contendas do Ducento italiano*. (Monografia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016, 63f.

das legendas este fator. Tais elementos são importantes pois podem proporcionar reflexões sobre relações entre o franciscanismo, a sociedade de seu tempo e a Igreja Romana.

Antônio tem um papel central no processo de clericalização da Ordem, uma vez que sua vida enquanto frade menor, representou a adequação da ação pastoral minorita, inicialmente, muito mais próxima da realidade laica do modelo clerical exigido pela Igreja Romana, por meio da pregação muito mais erudita e com embasamento teológico, bem como na produção de manuais para as exortações dos confrades.

A canonização do lisboeta por Gregório IX representou também o reconhecimento e apoio da Santa Sé a um modelo de frade menor mais próximo das ordens tradicionais como os cônegos regulares, valorizando a pregação, o estudo teológico e a administração dos sacramentos, atividades vinculadas ao universo clerical que em um primeiro não caracterizava o grupo iniciado por Francisco de Assis.

As várias legendas sobre a vida e os milagres de Antônio foram escritas em ambientes e grupos formados em sua maioria por clérigos dentro do movimento, todavia, cada contexto e região em que se deu a sua produção apresentam peculiaridades: na primeira metade do século XIII, é possível observar muito mais uma expansão da Ordem e do culto ao lisboeta, além disso, a divisão entre clérigos e leigos dentro do movimento ainda não se mostravam tão nítidas. Já, a partir de 1280, mediante as mudanças institucionais, os leigos perdem cada vez mais espaço no movimento e os franciscanos passam a viver em constantes conflitos em relação ao clero secular e ao papado.

Por outro lado, é possível observar que algumas hagiografias foram escritas no ambiente da Universidade de Paris ou no Convento de Pádua, ou seja, no Reino da França e Península Itálica, os dois locais tornaram-se centros de estudo no contexto do século XIII. Embora Paris tenha sido a referência de ensino teológico dos frades, como apontado por Gamboso, Pádua também se tornou uma espécie de centro de estudos para noviços que antecederiam a Teologia parisiense.

Por fim, as hagiografias foram escritas a partir da ordem de autoridades do instituto ou por anseios de fraternidades específicas ou demandas regionais, por isso, se as legendas serviam como modelo não apenas para a difusão do culto ao santo, mas também para apresentar ou impor um modelo de frade menor, é possível que estes elementos tenham influenciado nos atributos de Antônio enquanto clérigo minorita.

O aspecto da clericalização vem sendo trabalhado por mim ao longo de uma pesquisa que resultará em uma tese de doutorado. Partindo do pressuposto que estas hagiografias, como já dito, produzidas sobretudo por religiosos letrados e sacerdotes; em ambientes dentro da Ordem em que se valoriza o estudo teológico e a erudição, como é o da cidade de Paris; escritas em diversos momentos da história da instituição, proponho como hipótese que o perfil de Antônio enquanto teólogo, letrado e sacerdote representado nestas legendas se altera ao longo do século XIII. Ou seja, entre 1232 e 1245, momento em que os estudos na Ordem ainda não estavam plenamente em expansão, o apelo do santo enquanto um frade vinculado ao grupo dos clérigos do instituto nas hagiografias não é tão evidente quanto nos textos escritos a partir dos anos de 1280.

Além disso, visto que a Ordem cada vez mais se dividia entre clérigos e leigos e que Francisco, o primeiro santo canonizado do movimento em questão era leigo, no que se refere a divulgação interna destes textos, a figura de Antônio representada nas legendas serviria de modelo destinado sobretudo aos frades que eram letrados e que possuíam as ordens sacras. Ou seja, Antônio era, portanto, o ideal de frade menor presbítero e erudito a ser observado pelos religiosos com o mesmo perfil.

Porém, longe que querer o esgotamento em relação ao estudo destas fontes, pelo contrário, quis instigar novas análises com o intuito de ampliar o diálogo com outros pesquisadores. Este trabalho, portanto, teve como objetivo maior divulgar a produção hagiográfica sobre Antônio, como já dito, a meu ver, ainda pouco explorada, sobretudo em âmbito nacional.

Até o momento, vários estudiosos brasileiros já se dedicaram a trabalhos sobre outras legendas escritas dentro do movimento franciscano como as vitas sobre Francisco e Clara de Assis. Creio que novas problemáticas acerca das legendas

sobre Antônio contribuirão não só para a compreensão da produção hagiográfica no movimento franciscano, mas também para ampliar e enriquecer os estudos sobre a própria natureza da hagiografia medieval e sua importância para a sociedade de seu tempo.

Artigo recebido em: 30.11.2017

Artigo aceito em: 23.12.2018

